

Gustavo Mascarenhas Ripa  
8/2/18



PALMIRA BASTOS

# O PALCO

Ano I

REVISTA TEATRAL

N.º 5

Diretor — E. Nascimento Correia

Redação: R. da Vinha, 52, 1.º  
ADMINISTRAÇÃO: R. S. Marçal, 51, 1.º  
OFICINAS DE COMPOZIÇÃO  
E IMPRESSÃO  
R. de S. Marçal, 51-A a 53-A  
+++ LISBOA +++

..... DEZENHADOR .....  
§ José Mergulhão §  
..... FOTOGRAFO .....  
Ⓐ Alberto Lima Ⓐ  
..... EDITOR .....  
E. da Cunha e Sá

Propriedade da Empresa de O PALCO

FH

# O PALCO

Vai obtendo o ezito dezejado a nossa *Revista*, o que não só nos onra mas especialmente nos alegra, por termos conseguido implantar uma obra que a todos se afigurava uma utopia.

E não é a vaidade, não é o orgulho que em nós fala ao dizermos isto. E' o contentamento intimo por vermos que ainda á quem aucilie uma tentativa nova, que não virá preencher uma lacuna, mas que era preciso que se fizesse para brio e dignidade nossa.

Alguns dos numeros d'*O Palco* estão quazi esgotados por isso que da enorme propaganda que fizémos foram diminutas as devoluções e as assinaturas teem afluído extraordinariamente.

Pela nossa parte não faltámos ao que prometemos, tendo gradualmente melhorado a nossa revista e orgulhosamente podemos dizer que o numero passado cauzou um verdadeiro successo.

Assim continuaremos; e nos agradecimentos que d'aqui endeçamos a todos os que nos teem auciliado, não podemos deixar de especializar os empzarios, os artistas e todo o pessoal dos teatros, incluzivé os carpinteiros e comparsas de cena, pois que sem a sua boa vontade não conseguiriamos obter os clichés precisos para tornar *O Palco* atraente e variado como é.

A'queles que ainda quizerem assinar *O Palco* e tê-lo desde o primeiro numero, aconselhamos a que se não demórem para depois não ficárem com a coléção truncada.

Os 4 numeros já publicados enceriram 123 gravuras todas de atualidade teatral e, continuando n'esta proporção, ao fim do ano *O Palco* formará um lindo album com quazi 800 gravuras.

Do que pensamos para futuros melhoramentos breve falaremos.

---

## Aos artistas que nos onram com as suas assinaturas

Tendo-se começado a proceder á cobrança das assinaturas d'*O Palco* viu-se a dificuldade de o fazer aos srs. artistas, nas caixas dos teatros. Assim pois, esperamos dever á sua amabilidade o obsequio de, por meio d'um postal, nos indicárem as suas moradas, o que para os artistas se torna tambem vantajoso, por isso que passando a receber n'elas diretamente o jornal, não se darão os estravios de que já muitos se nos teem queixado.

Muito gratos ficaremos aos que aquiescerem a este nosso pedido.

Afim de que o nosso jornal se torne suficientemente conhecido e produza os resultados que tivémos em vista ao publicál-o, vamos, a partir d'este numero, enviál-o gratuitamente a todos os principaes cafés, restaurantes, ótéis e barbeiros do país.

Mostramos assim que não temos intuitos gananciozos mas que só dezejamos contribuir para despertar o gosto pelo teatro, fazendo passar perante os olhos de todos as cenas capitaes das peças representadas.

Lisboa, 5 de março de 1912

## O PÃO

## ANTONIO PINHEIRO

Nem só de pão vive o ómem.

O pão é muito, é pão é quasi tudo; mas tenha ele o pão para aí se apresentar gordo e anafado e falte-lhe lá dentro aquilo a que se combinou chamar carácter, que o ómem, d'ómem só terá o nome e a fôrma esterna.

O mesmo acontece ás diferentes classes em geral; o mesmo acontece á classe dos artistas dramaticos.

Tenha ela muito estudo e muita arte dentro de si mas falte-lhe a solidariedade e ela de classe só terá o nome que entre si lhe darão os que a ela pertencem.

Da parte material d'essa classe, do seu estudo, da sua arte, já aqui temos tratado, prestando a devida ómenagem a quem a ela tem jus.

Tratemos oje da parte moral e prestemos a mesma ómenagem a quem a não tem descurado, a quem por ela tem pugnado, pondo ao seu serviço todo o seu esforço intelectual.

Queremos referir-nos, já o sabeis, a Antonio Pinheiro.

O seu trabalho gigantesco na formação da *Associação de Classe dos Artistas Dramaticos*, fôrma unica de se conseguir n'um futuro, mais ou menos longo, a solidariedade de toda a grande familia teatral, é d'aqueles perante os quaes todos devemos curvar-nos.

E' um trabalho de Titan.

Póde um ou outro descordar da fôrma — e infelizmente á ainda quem assim pense — mas o que ninguem lhe póde negar é a actividade, a força de vontade inquebrantavel que elle dispendeu e que ele mostrou para tentar conseguir que os átores sejam ómens na verdadeira acção da palavra.

Nem só de pão vive o ómem — nem só d'arte vive uma classe.

Não são escritas estas linhas para os que já estão no teatro. Esses sabem bem o que lhes cumpre fazer, sabem bem a fôrma de se orientarem.

Escrevemos para os que óra se sentam nos bancos do Conservatorio e para os que de futuro lá se sentarem.

Teem aí quem, querendo levantar o nosso teatro, os eduque e os encaminhe para o caminho material da vida que escolheram.

Pois bem; aproveitem-lhes as lições, mas não descurem essa outra aula de levantamento moral que Antonio Pinheiro fundou com tanto carinho e com tanto trabalho e que se chama a Associação de Classe dos Artistas Dramaticos.

O Conservatorio e a Associação completam-se.

Não podem nem devem viver um sem a outra.



## SUMARIO

Antonio Pinheiro, 1 grav.—Quinzena, 0 grav.—Leopoldo Carvalho, 1 grav.—Ponha-lhe papas, 1 grav.—Má Sina, 2 grav.—Anedotas teatraes.—Ao correr da fita, 0 grav.—Diplomata figurino, 1 grav.—O Pobre de Valbuena, 1 grav.—Tipos, 1 grav.—Botequim do Felisberto, 7 grav.—No reino da roleta, 2 grav.—Recita dos alunos do Conservatorio, 0 grav.—Ainda a censura.—Recita dos autores dramaticos, 2 grav.—A dançarina descalça, 2 grav.—A canção portugueza.—Os direitos da mulher, 1 grav.—Monologo, 1 grav.—Comedia.—Espedientes.

## A Quinzena

Foi bastante animada a passada quinzena e para a animar concorreram artistas,



Uma cena da revista *Ao de leve*

alunos, amadores, escritores e... a policia. Tudo isto passou pelo palco dos nossos teatros e tem por consequencia de passar aqui pelo nosso *Palco*.

Foi a quinzena do Carnaval e como o Carnaval d'este ano apenas se manifestou nos teatros não admira pois a animação que eles tiveram.

Mas vamos por ordem.

O *Variedades* tendo anunciado a sua revista *Pilulas Pink*, arranjo d'uma outra em 3 atos, já representada no Teatro Moderno, *Sem rei nem roque*, viu á ultima ora a policia, entrar em cena tambem, e colabo-

rar com os autores, João Bastos e Luis Vás, fazendo-lhes substituir o titulo pelo de *Ponha-lhe papas*.

Talvês a policia quizesse dizer na sua que não era d'anemia que a revista sofria, mas sim de inflamação e d'aí a mudança do... remedio.

O *Nacional*, que tem continuado agarrado aos seus 20:000 *dolars*, como gato a rato, não quis em todo o cazo deixar passar a quinzena sem dar que falar de si e não foi dos que falou peor, antes pelo contrario.

Tivemos lá duas recitas, qual a mais atraente. Uma a de Leopoldo de Carvalho, com a reparição da nossa Virginia; outra a dos autores dramaticos, em que três d'elles quizeram provar que se sabiam escrever para os outros representarem, tambem sabiam representar o que os outros escreviam.

Foi n'essa recita ainda que os amadores, que por tal sinal foram amadoras, se mostraram, deliciando-nos as Sr.<sup>as</sup>

D. Maria da Natividade Ximenes e D. Lilia d'Azevedo Gomes com a representação das *Rozas de todo o ano*. Essa recita brilhante foi ainda completada pela peça em 3 atos de Bento Mantua, *Má sina*, que dias antes avia sido representada na festa de Luis Pinto.

O *Republica* apresentou-nos a deliciosa comedia em 3 atos de Tristan Bernard *Le petit café* que o sr. Acacio de Paiva traduziu com o titulo de *O botequim do Felisberto*.

No Carnaval além da pecinha em 1 ato de Courteline *Amor ao pelo*, traduzida por João Fôca, fêz representar a revista em 1 ato e 3



A. BARBOZA  
um dos autores  
do  
*Ao correr da fita*



JOAO BASTOS  
Autor do *Pão com manteiga*



ABILIO GUIMARAES  
Desenhador dos figurinos da revista  
*Ao correr da fita*

digamos simplesmente que não foi alheio á sua confegão.

No *Avenida* reapareceu a companhia Jozé Ricardo.

Tambem aqui a policia entrou em cena. Sabedora da questãõ aida entre a *Dançarina descalça* e a *Casta Suzana* ferrou com as duas no chelindró, d'onde a *dançarina* se conseguiu evadir e aparecer no *Avenida*, apresentada pelo Almeida Crús que durante tanto tempo andou fujido dos patrios láres.

A *Casta Suzana*, essa coitada é que continúa aferrolhada, e confessamos que isso nos fás uma certa diferença porque avendo cá em casa quem seja o padrasto da pequena, contava com ela para os seus arranjos domesticos...

O *Ginazio* aproveitou o Carnaval para inverter os *Direitos das mulheres*, fazendo representar a engraçada comedia com os papeis distribuidos ao contrario; deveria tambem ter invertido o titulo á comedia que se passaria a chamar as *Mulheres dos direitos*...

Para o Carnaval e tambem para o mesmo teatro escreveram os Srs. Lean-

quardos, *Ao de leve*... de... Iamos a dizer o nome dos autores quando nos lembrámos de que se eles os não puzeram no cartás é porque não queriam que se soubesse quem a tinha feito.

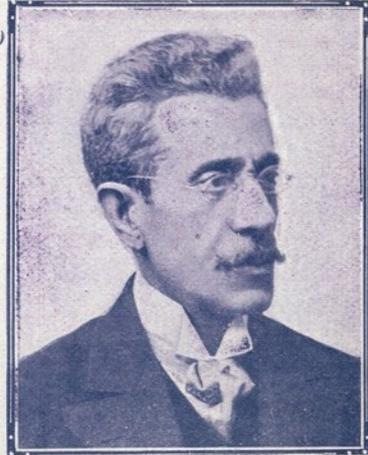
Respeitemo-lhes pois o incognito e o Sr. *Freitas*



LEANDRO NAVARRO  
um dos autores do *Ao correr da fita*

dro Navarro e Alberto Barboza, uma revista em 1 áto e 3 quadros *Ao correr da fita*...

É como a maré vai de revistas ainda devemos aqui deixar ficar registradas a que para o Apolo escreveu o Sr. João Bastos, *Pão com manteiga*, em 1 áto e 5 quadros e a que Raul Pereira escreveu para o Teatro Fantastico, com o titulo *No reino da roleta*, em 2 átos e 7 quadros.



FILIPE DUARTE  
Autor da muzica do *Pão com manteiga*

Em vês de *No reino da roleta* dever-se-ia esta ultima intitular *No reino das revistas* porque estamos vivendo positivamente n'ele.

Resta-nos só falar dos Alunos do Conservatorio, que tambem quizeram brincar o Carnaval, no que fizeram muito bem, pois que juntaram o util ao agradável: brincaram e estu-

daram. Representaram a opera *Menina Roza* e as comedias *Rapaziadas* e *Poudre de riz*.

É por aqui nos ficamos, porque esta quinzena vai tão longa, tão longa, que em vês de quinzena quasi nos parece um mês...



CASTELO BRANCO  
que vestiu  
as revistas *Pão com manteiga*  
e *Ponha-lhe papas*

## LEOPOLDO DE CARVALMO

Foi uma festa deliciosa, a que no dia 14 do passado mês, se realizou no Teatro Nacional em favor d'este antigo ensaiador, que a doença prostrou, amarrando-o ao leito da dôr.

Festa de caridade pelos seus intuitos, ela redundou n'uma festa d'omenagem a quem, durante tantos e tantos anos, foi um trabalhador incansavel, ao mesmo tempo que afirmou a solidariedade da classe perante a desgraça alheia.

Todos á compita, do maior ao mais pequeno, tentaram contribuir com a sua



quota parte para o bom resultado artistico e monetario da recita.

Átos como este onram os artistas dramaticos e devem ter levado ao coração bom e magnanimo de Leopoldo de Carvalho um balsamo consolador.

N'essa esplendida e bela recita, reapareceu a grande atriz Virginia que, escuzado é dizel-o, o publico recebeu n'uma ovação fremente, entuziasistica, comevadora, em que, mais alto

que as mãos unindo-se para aplaudir, falaram os olhos onde as lagrimas affluiram.

## PONHA-LHE PAPAS

Revista em 2 átos e 7 quadros de JOAO BASTOS e LUIZ VÁS, muzica dos maestros DEL-NEGRO, CANHAO e DIAS COSTA

Reprezentada em 10 de fevereiro no TEATRO DAS VARIEDADES



CENA FINAL

# Má Sina

Drama em 3 atos

DE

**BENTO MANTUA**

representado no

TEATRO NACIONAL

**ALMEIDA GARRETT**

NA EMPRESA

**MENEZES**

**& FERREIRA**

e que agora voltou á cena  
em 5 de fevereiro, para  
festa do ator

**LUÍS PINTO**



DISTRIBUIÇÃO  
ANTIGA

Antonio, *Inácio*.

Pedro, *A. Pereira*

Manuel, *Brazão*

Tomé, *J. Costa*

Jozé, *Mendonça*

Maria, *P. Torres*

DISTRIBUIÇÃO  
ATUAL

Antonio, *Inácio*

Pedro, *A. Pinheiro*

Manuel, *L. Pinto*

Tomé, *J. Costa*

Jozé, *Enriques*

Maria, *P. Torres*

## ·Anedotas teatraes

Avia em Alcantara, n'um teatro particular, uma recita com a tragedia *Inês de Castro*.

A protagonista era dezempenhada por uma engomadeira que tinha paixão pelo Cezar de Lima. Para lá se dirigiram ele e o ator Santos, ambos a cavallo. Quizeram assistir ao resto do espetáculo e foi-lhes proibida a entrada sob pretexto de que eles faziam *troça* em toda a parte.

O Cezar enfureceu-se e indo á porta da caixa, mandou chamar a engomadeira.

A pobre mulher appareceu com vestido e manto de veiudilho, enfeitado a papel dourado e uma corôa de papelão na cabeça.

— Que queres tu, ó meu Cezar? esclama a *Inês de Castro* de Alcantara.

— Quero que a senhora venha immediatamente comigo!

— Eu não posso; tenho ainda que morrer!

— Não quero que tu morras! Vem, vem comigo!

— E como á de acabar o espetáculo? Se eu ainda tenho que dar beija-mão!

— Nunca! exclamou o Cezar cheio de indignação. Sou uma féra de ciumes! Não quero que pessoa alguma beije a tua nivea mão!

— O'! meu Cezar! tu bem sabes que te faço tudo, mas isso não posso; ainda tenho que morrer!

— Pois bem... fique; mas nunca mais me verá! Ou morres como *Inês de Castro* nesse teatro de papelão, ou vives como Engracia das Dôres nos braços de teu Cezar!

A isto não pode rezistir a rapariga. Atirou-se para os braços do Cezar, que saltou com ela para cima do cavallo, que por tal sinal era burro, e gritou para o Santos:

— A caminho!

Era já dia claro e grande o ajuntamento no Rocio e Praça da Figueira quando ali appareceram o Santos e o Cezar, trazendo este á garupa a engomadeira Engracia com as bochechas cheias de vermelhão, a corôa de papelão á banda e o manto cheio de lama!

Por pouco que não foram prezos!

# AO CORRER DA FITA

REVISTA EM 1 ÁTO E 3 QUADROS  
Representada no teatro do Ginásio  
em 16 de fevereiro



*A paragem*  
AMBROZINA



LUÍS FILGUEIRAS



*A liberdade*  
LAURA HIRSCH



Muzica  
de Luís Filgueiras  
e  
D. Luís Quezada



D. LUÍS QUEZADA



Original  
de Leandro Navarro  
e  
Alberto Barboza



H. Albuquerque

M. Augusta

Tristão

Machado

C. Batista

Bemvinda

# TEATRO APOLO

## O pobre de Valbuena

Faça lírica em 1 ato e 3 quadros de Carlos Arniches e E. Garcia Alvarez, traduzida por Acacio Antunes, muzica de Valverde (filho) e Torregroza

### Distribuição

Valbuena, Nascimento Fernandes; *Salustiano*, Roldão; *Pepe el Tranquilo*, Jozé Vitor; *Um pobre e Ubaldo* (cego), Machado; *Um policia*, Braga; 2.º cego, Almada; *Omem da tombola*, Zenoglio; 1.º omem, Ernesto d'Oliveira; 2.º omem, Luis Ferreira; *Paca*, Amelia Pereira; *Ludgarda*, Alda Aguiar; *Uma pobre e Adelina*, Ilda; *Bebiana*, Roza Andrade; *Angelita*, Augusta Freire; *Consuelo*, Maria Frazão; *Placida*, Hermengarda; *Concha*, Filomena Lima; 1.ª rapariga, Sára; 2.ª rapariga, Alice; 1.ª mulher, Alzira; 2.ª mulher, Emilia Neves; 1.ª pobre, Laura Rodrigues; 2.ª pobre, Ester.



## O diplomata dos figurinos

Vaudeville em 2 atos de Scribe e Delvigne, traduzido por Acacio de Paiva, com muzica de Filipe Duarte

### DISTRIBUIÇÃO

Chavigni, Nascimento Fernandes; *Conde da Serra Morena*, Alegrim; *Barão de Saldorf*, Jozé Vitor; *Grão Duque*, Roldão; *Principe Rodolfo*, Zenoglio; *Rhinfeld*, Almada; *Herman*, Braga; *Um fidalgo*, Ernesto d'Oliveira; *Marqueza de Surville*, Amelia Pereira; *Izabel*, Ilda; *Miss Kiss*, Maria Frazão; *Fausta*, Filomena; *Albertina*, Sára; 1.ª Dama, Alice; 2.ª Dama, Emilia Pinheiro.—REPRESENTADAS EM 6 DE FEVEREIRO.



## TIPOS



## TEATRO DA REPUBLICA

## O botequim do Felisberto

Tradução de Acacio de Paiva da peça em 3 atos de Tristan Bernard, *Le Petit Café*  
Representada em 14 de Fevereiro

## DISTRIBUIÇÃO

Alberto Loriflan, Alves; Felisberto, Chabi; Branquinho, Sarmento; Bigredon, Carlos de Oliveira; Kerkoedec, Pinto Costa; Pedro, Lopo Pimentel; Mowier, Teodoro Santos; Xavier, Rafael Marques; jornalista, Tomás Vieira; Gastonnet, Rafael Marques; Pezard, Sena; Artur, Tomás Vieira; gerente do restaurante, Pinto Costa; Bouzin, Pimentel; um freguez, Gil; outro, Teodoro Santos; Hedwijes, Anje a Pinto; Lucrécia, Emília de Oliveira; Isabel, Jezuína Saraiva; Yéonne, Emília Sarmento; Maria Mirmani, Iús Veloso; Branca Flór, Juliana Santos; Agata, Leonor Faria; Irma, Julia de Assunção.



## ENTRECHO

Alberto (Alves), criado d'um pequeno

botequim, recebe inesperadamente uma erança de 800:000 francos. Felisberto (Chabi) seu patrão, soube, porém antecipadamente, do caso e calculando que Alberto uma vés rico tudo fará e tudo dará para poder gozar d'essa riqueza, tratou de fazer um contrato com ele, por 20 annos, com uma multa de 200:000 francos para aquele que primeiro o rescindisse.

Alberto, porém, roe-lhe a corda, pois que a dar os 200:000 francos, prefere cumprir o contrato e, para não perder

tudo, passa a fazer uma vida fantastica, pois que desde as oito da manhã á meia noite serve os freguezes no pequeno botequim ao passo que, depois d'essa óra, fás-se servir nos grandes restaurantes em companhia d'uma amante e d'amigos d'ocazião; aí reencontra





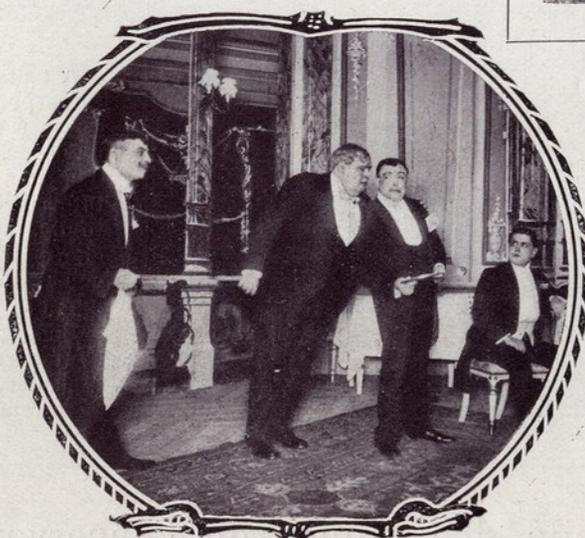
uma antiga amante, que ignorando o que se passa, estranha o vê-lo por aqueles lugares. Uma palavra, porém, atirada ao acaso, põe-a ao corrente de tudo e ela, na ancia de o reconquistar, joga á pancada com a sua nova rival, enquanto Alberto esbofeteia um dos sujeitos que a acompanham.

Na manhã seguinte, porém, após ter saído da esquadra para onde a policia o levou em consecuencia da bofetada, ele volta para o café; um jornalista que anda a fazer um inquerito sobre o martirio da vida dos criados



de café admira-se de o vêr tão bem vestido, tão á ultima moda.

Felisberto, vendo que nada consegue, resolve-se a ser magnanimo e oferece-lhe o dispensál-o. Ele, porém, recusa. Irá dcerto sentir saudades do café



e, quem sabe, talvez da Ivone (*Em. Sarmento*) a quem desde principio ele dis detestar, pagando-lhe ela na mesma moeda, tambem segundo dis, mas que afinal se amam como dois loucos, tanto e tanto que acabam por se cazar.



## NO REINO DA ROLETA

Revista em 2 atos  
e 7 quadros,  
de Raul Pereira

Representada  
no Teatro Fantastico  
em 23 de fevereiro



### Aos leitores da provincia

A todos os nossos assinantes, correspondentes e leitores, pedimos a especial fineza de nos enviarem os nomes dos teatros das suas terras, com todas as informações possíveis a respeito das suas lotações e rendimentos, despezas provaveis em cada espetaculo, pessoas com quem se trata o aluguel, etc.

Se alguns tambem tiverem as fotografias das respectivas fachadas, maior fineza seria o enviarem-nol-as.



## A recita dos alunos do Conservatorio



Os interpretes da opera Menina Roza



Um gentil grupo de alunas na Menina Roza



Uma cena do Poudre de Riz

No salão-teatro do Conservatorio realizou-se no dia 4 de fevereiro um magnifico espetaculo que correu animadissimo.

Reprezentou-se a opera A MENINA ROZA e as comedias POUDRE DE RIZ e RAPAZIADAS de que foram

principais interpretes os seguintes alunos d'aquela casa de educação: as senhoras D. Marina Rodrigues, Stela Leitão e os senhores Antonio de Gouveia, Otelo de Carvalho, Felix do Amaral, Francisco Laje, Joseph Levy, Roza Mateus e Brandeiro de Figueiredo.



Uma cena da Menina Roza

## Ainda a censura teatral

Na sua opinião sobre a *Censura teatral*, publicada no numero anterior, Leandro Navarro dava a entender que se avia proibido a ezibição d'uma farda no palco d'um dos nossos teatros em consequencia d'uma fraze a proposito pronunciada por um artista.

Desconhecedores por completo do fácto e achando-o interessante, tratámos de o averiguar e viemos a saber que não fôra fraze alguma de qualquer artista o que levava realmente a policia a intervir.

Interveiu efétivamente, mas em consequencia da orientação que o autor avia dado á personajem que envergou a farda e que a policia achou deprimente para o exercito.

Não discutimos se andou bem ou se andou mal a policia intervindo; o que achamos estranho é que ela seja como os celebres granadeiros, que vinham sempre *trop tard* e que só apareça a fazer as suas proibições três ou quatro dias depois das peças ezibidas, o que é muito pouco abonatorio para a intellectualidade das auctoridades que prezidiram aos espetaculos anteriores.

Ou **todos** os que prezidem aos espetáculos teem capacidade para verem o que não deve ser consentido ou, se á um só que a tenha, que seja esse quem prezida ás primeiras representações.

O contrario é ridiculo e não se devem depois admirar que os revisteiros lhes aproveitem esse ou outros ridiculos.

## Concurso n.º 4

Continuamos, até ao dia 10 do corrente, a receber respostas a este concurso, inserto no nosso numero anterior.

No procimo numero publicaremos o seu rezultado e os nomes dos leitores premiados com a bolsa de prata, o camarote para a Trindade e o fauteuil para o Ginázio.

### TEATRO NACIONAL

A RECITA DOS AUTORES DRAMATICOS REALIZADA EM 16 DE FEVEREIRO



Rozas  
de todo  
o anno

—●—  
D. Maria Ximenes  
e  
D. Lilia Gomes

### GEIA DOS GARDEAES

Srs. Felix Bermudes, Pedro Bandeira e Augusto Veras

# TEATRO AVENIDA

## A DANÇARINA DESCALÇA

OPÉRETA EM 3 ÁTOS

Traduzida por Acacio Antunes, muzica de F. Albini — Representada em 15 de fevereiro

DISTRIBUIÇÃO

Hobbs (comandante de navios), Jozé Ricardo; *Jorje Frippon*, Almeida Crús; *Nicles*, Armando Vasconcelos; *Yaffar*, Pinto Ramos; *Frontac*, Paiva; *Dupras*, Sequeira; *Um creado*, Alfredo Souza; *Colette*, Cremilda d'Oliveira; *Gezira*, Izabel Fragozo; *Sarabul*, Francisca Martins; *Amelia*, Carmen Martins; *Renata*, Beatris Ferreira; *Branca*, Inês Ramos.

### ENTRECHO

Jorje Frippon, amante da cançonetista *Colette* (*Cremilda d'Oliveira*), abandonou-a em tempo para ir á India receber uma erança. Na volta, trazendo em sua companhia *Gezira*, «a dançarina descalça» (*I. Fragozo*) *Yaffar*, seu noivo (*Pinto Ramos*) e *Sarabula*, velha criada (*F. Martins*) é assaltado por um bando de salteadores que se apossa do navio, da erança, dos papeis de Frippon e abandona este e *Yaffar* n'uma ilha dezerta.

O chefe dos bandidos (*Almeida Crús*), tomando o nome de *Jorje Frippon* estabelece-se em Paris, onde instála *Gezira* por quem está apaixonado. Aparecem-lhe ali, disfarçados em saltimbancos, *Hobs*, o comandante do navio roubado



FINAL DO 2.º ÁTO

(*Jozé Ricardo*) e que, para se vingar, vai roubando tudo o que apanha á mão, *Yaffar* e o verdadeiro *Frippon* sob o nome de *Nicles*.

Só *Colette* os póde salvar, mas esta para se vingar do abandono do amante nega-se a reconhecê-lo como sendo ele o verdadeiro *Frippon* o que só fás no fim, quando, sem que ele o saiba, com ele se caza. *Yaffar*, por sua vês, caza com *Gezira* e o salteador escapa-se, graças á jenerosidade das suas victimas.



Chica Martins J. Ricardo Armando Cremilda A. Crús P. Ramos I. Fragozo

FINAL DO 3.º ÁTO

## A CANÇÃO PORTUGUEZA

Lindo, muito lindo o espectáculo que o ator Alexandre d'Azevedo nos proporcionou no dia 3 no *Teatro da Republica*.

Lindo sim, mas não correspondendo ao titulo que se lhe deu: *A canção portugueza desde o seculo XVII até á actualidade*.

Canção portugueza não ouvimos uma só e já antecipadamente sabiamos que a não iriamos ouvir porque as canções de qualquer nacionalidade não saem geralmente dos cerebros cultos, não são feitas em escritorios atapetados, nem mesmo podem ser encomendadas seja a quem fôr.

Pode uma ou outra, essecionalmente, ser assim feita, mas antes que tome os fóros de canção nacional tem que passar sobre ela muitos anos, tem o povo que tomar conta d'ela e achá-la tão sua, que sua a faça. E depois, quando ela chega a ser admitida como popular já o nome do seu autor esqueceu e ela fica anonima como as outras suas irmãs, filhas d'espíritos incultos e feitas em noites de luar, na descamizada do milho ou á torreira do sol, com a enxada na mão.

Estas é que são as canções populares; eram estas as que queriamos vêr amavelmente recolhidas e apresentadas em palco por artistas e coristas

vestidos a carater, acompanhando-as com as danças que muitas d'elas tem.

O que o ator Azevedo nos apresentou n'um lindo espectáculo, repetimos, que ouviriamos ainda outra vês sem enfado, foi uma serie de baladas, de canções mesmo, mas não a *canção portugueza*, na verdadeira acção da palavra e tal como nol-a descreveu Antonio Arroyo na sua conferencia devéras interessante.

Foi um espectáculo de canções, algumas das quaes, como a *Moleirinha*, a *Cegueira d'amor*, a *Eterna canção*, obtiveram um lejitimo sucesso; foi um espectáculo em que os poetas nos deram os seus melhores versos e os maestros a sua melhor inspiração mas não foi a apresentação da *Canção portugueza*.

Foi antes um concurso de poetas e de muzicos e d'ele talvez, d'aqui a alguns anos, saia uma ou outra canção a que se possa chamar *Canção portugueza* — a das *Andorinhas*, por ezemplo — se o povo d'alguma tomar conta e a achar digna de a perfilhar.

Se isto assim succeder não será improficuo o trabalho do ator Azevedo, como improficuo não será se ele servir como que de semente para que a ideia frutifique e a *Canção portugueza* seja emfim tratada com o carinho e com o amor que ela merece.

O que fica assente é que Azevedo é um ator com ideias, com iniciativa, o que já não é pouco atualmente.

### OS DIREITOS DAS MULHERES



Machado

M. Augusta

Tristão

Cardozo

Azambuja Lopes Albuquerque Telmo

H. Albuquerque



## JÁ DEI O QUE TINHA A DAR

Monologo em verso (para ómem)  
ORIJINAL DE FERNANDO DOS SANTOS

(2.º premio do nosso concurso de monologos)

(Vidè numero anterior, pajina 54)

(Um velho bastante comico)

Teem vocencias na frente,  
O velhote Brás Brazão;  
Bom tipo p'ra reinação  
Que oje aqui os vem maçar;  
Desculpem, se no que eu digo,  
Encontram alguns defeitos,  
Pois... com setenta já feitos...  
**Já dei o que tinha a dar.**

Nos meus tempos de rapás,  
Muitas damas conquistei.  
Foram tantas que eu nem sei,  
Nem as posso enumerar.  
Mas agóra, já 'stou velho!  
A cóva já por mim chama.  
Agóra é comer e cama...  
**Já dei o que tinha a dar.**

Querem ouvir?! A' já dias,  
A priminha Catarina  
Vem procurar-me, a ladina,  
P'ra ir com ela dançar.  
Agarrei bem a pequena,  
Apertei-a contra o peito...  
Mas não fis nada com jeito...  
**Já dei o que tinha a dar...**

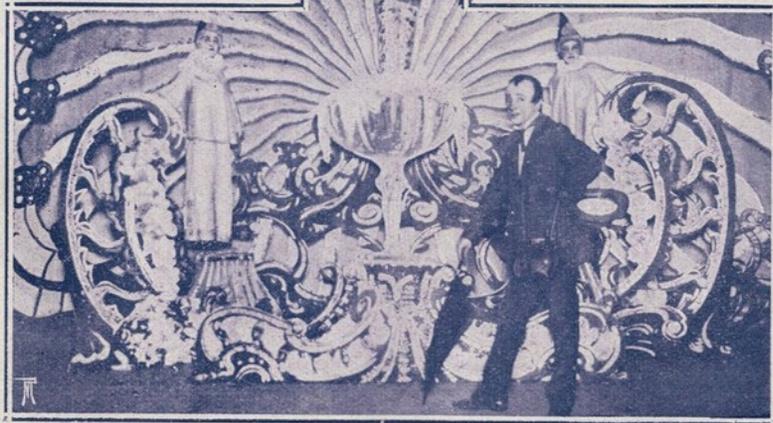
A minha cára metáde,  
Qu'rendo sair preparáda,  
Pediu-me, algo atrapalháda,  
P'r'o 'spartilho lhe apertar.  
Eu agarrei-me aos cordões,  
Fis força... mas isso sim!  
Tive que os deixar por fim!  
(Com tristeza)  
**Já dei o que tinha a dar.**

Fui comprar um castiçal,  
— 'Té n'isso fui enganádo!  
Comprei-o muito apertádo  
E a véla não poudé entrár.  
Pois eu até lhe dei cuspo,  
E a maldita não entrou.  
(Suspirando)  
— Ai o que eu fui! O que eu sou!...  
... **Já dei o que tinha a dar.**

P'ra uma festa p'ros pobres,  
Procurou-me a linda Soiza,  
P'ra que eu dêsse qualquer coiza...  
Uma prenda p'r'o bazar.  
— O' filha! eu dáva-te tudo  
De muito boa vontade.  
Mas bem vês!... Da minha idade...  
**Já dei o que tinha a dar...**

Mas... Já basta de maçada,  
Já basta de impertinencias.  
Mesmo, das vóssas paciencias,  
Eu já estou a abusar.  
Só peço que não pateiem,  
Se eu não sube bem dizer.  
(Triste)

Mas então?! Que ei-de eu fazer?!  
**Já dei o que tinha a dar...**



Final da revista Pão com manteiga



## O Cantico dos Canticos

(Continuado do n.º 3)

O CORONEL (*brusco*)

Do coronel Soranzo o sobrinho?... Uma figa!  
Vestido assim, não!

ANTONIO (*com allivês*)

Tio! A minha farda visto!  
Soldado tambem sou!

O CORONEL

De que tropa?

ANTONIO

A de Cristo!

O CORONEL

Cristo?... Esse jeneral não está no quadro!

ANTONIO (*com altivo entusiasmo*)

E em quantas

Batalhas combater eu vou, rudes e santas!  
Ó! jira de Soranzo o sangue em minhas veias!  
Corre aqui dentro, a flús! Nas solidas ameias  
Da crença, lutarei com eroísmo e gloria!  
E que vitoria eu sonho! Esplendida vitoria!  
Vencedor entre os maus, e entre os ateus passando,  
Forte como S. Paulo, audás como Ildebrando!

O CORONEL (*atento, mal occultando a complacencia, áparte*)

Fala o meu sangue! (*com bonomia*) Sim... S. Paulo foi soldado...  
Descendente de erós tambem, e eróe provado!...

ANTONIO (*confirmando com orgulho*)

Foi!

O CORONEL (*irónico*)

E se os maus ateus, opondo uma barreira...?

ANTONIO (*enerjico*)

Com a áste a romperci da sagrada bandeira!

O CORONEL (*como acima*)

Bela rezignação cristã!

ANTONIO (*picado*)

Vem d'alto o ezemplo:  
Cristo espulsou, a açoite, os vendilhões do templo!

(Continúa)

Importação e Exportação — Expedições  
**JOSÉ ROBERTO DA SILVA**

Agente de Comissões e de Navegação

Agente de: Carl Seegers, Hamburg—Ch. Aug. Vogt, Paris  
 —E. da Cunha e Sá, Lisboa, Portugal—The Northern Assurance C.º  
 Ltd., Londres—Lamport & Holt, Liverpool—Millers & Corys, Cape  
 Verde Islands Ltd., S. Vicente—Wilson, Sons & C.º Ltd., S. Vicente  
 Coruña Salvage Association, Coruña, España.

Sub-agente de: Loyd's, Londres—Le Comité des Assu-  
 reurs Maritimes, Paris—The Royal Mail Steam Packet C.º, Londres  
 —The Pacific Steam Navigation C.º, Liverpool.

Adresse telegraphico: **Jack — Praia**

Codigos em uso: A. B. C. 4.ª e 5.ª edições Lieber's & Social

**Praia — S. THIAGO — Cabo Verde** 1

**JOSÉ ANTONIO DO PATROCINIO**

**Vinhos, Vinagres e Aguardentes**

PARA

**CONSUMO E EXPORTAÇÃO**

**Marca P. & F.**

Qualidades garantidas — Preços resumidos

*Premiado  
 em todas as exposições a que tem  
 concorrido*

**RECOMPENSAS OBTIDAS**

Vinhos Tintos - 3 Grands prix.  
 Vinhos Brancos - 1 Menção honrosa, 2 diplomas  
 de honra, 1 Grande diploma de honra, 1 diploma  
 de honra com felicitações do jury, 1 medalha de  
 vermeil, 2 medalhas de prata, 3 medalhas de ouro,  
 8 grands-prix, 1 primeiro premio de medalha de  
 ouro com palma.

ARMAZENS E ESCRITORIO

**Rua José do Patrocínio**

*Marvilla-Lisboa*

Endereço telegraphico: Niciotropa-Lisboa

Telephone: 29—Poço do Bispo 2

**BLOCK-MEMORANDUM**

— Para escriptorio —

Com ferragem, para collocar sobre a mesa  
 de trabalho

**Elegante e commodo**

Está á venda, com block para 1912.

Como se fará block-memorandum nos annos seguin-  
 tes, a ferragem servirá para immenso tempo.

**PREÇO AVULSO**

Block-memorandum, 200 réis.

O mesmo com a ferragem, 700 réis. G

Só a ferragem, 600 réis.

A' venda na **Casa E. da Cunha e Sá**, Lisboa e Porto

**AGENDA PORTATIL** PARA 1912

(3.º anno de publicação)

Edições da **Casa E. da Cunha e Sá**, Lisboa e Porto

♦ ♦ ♦ ♦ UM VOLUME CARTONADO, 120 RÉIS ♦ ♦ ♦ G

**MALMEQUERES**

Contos por Tama-  
 gnini Barbosa.  
 Um volume, 300 réis

Depositaria — **Casa E. da Cunha e Sá**

LISBOA E PORTO G

**Do Hypnotismo á Aviação** G

1.º VOLUME DA BIBLIOTHECA DE SCIENCIAS PSYCHOLOGICAS

Um vol. de 100 paginas, 150 réis

Edição da **Casa E. da Cunha e Sá** — Lisboa e Porto

**SONETOS**

Edição da **CASA E. DA CUNHA E SÁ**

POR

● Lisboa e Porto ●

**THOMAZ D'ÊÇA LEAL** G

Um volume, 300 réis

**CALENDARIO Reclamo de Portugal**

**PARA 1912**

(1.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

Contendo 366 vistas do continente, ilhas e colonias portuguezas — PREÇO 500 RS.

A' venda nas principaes livrarias e papelarias de Lisboa e Porto e na

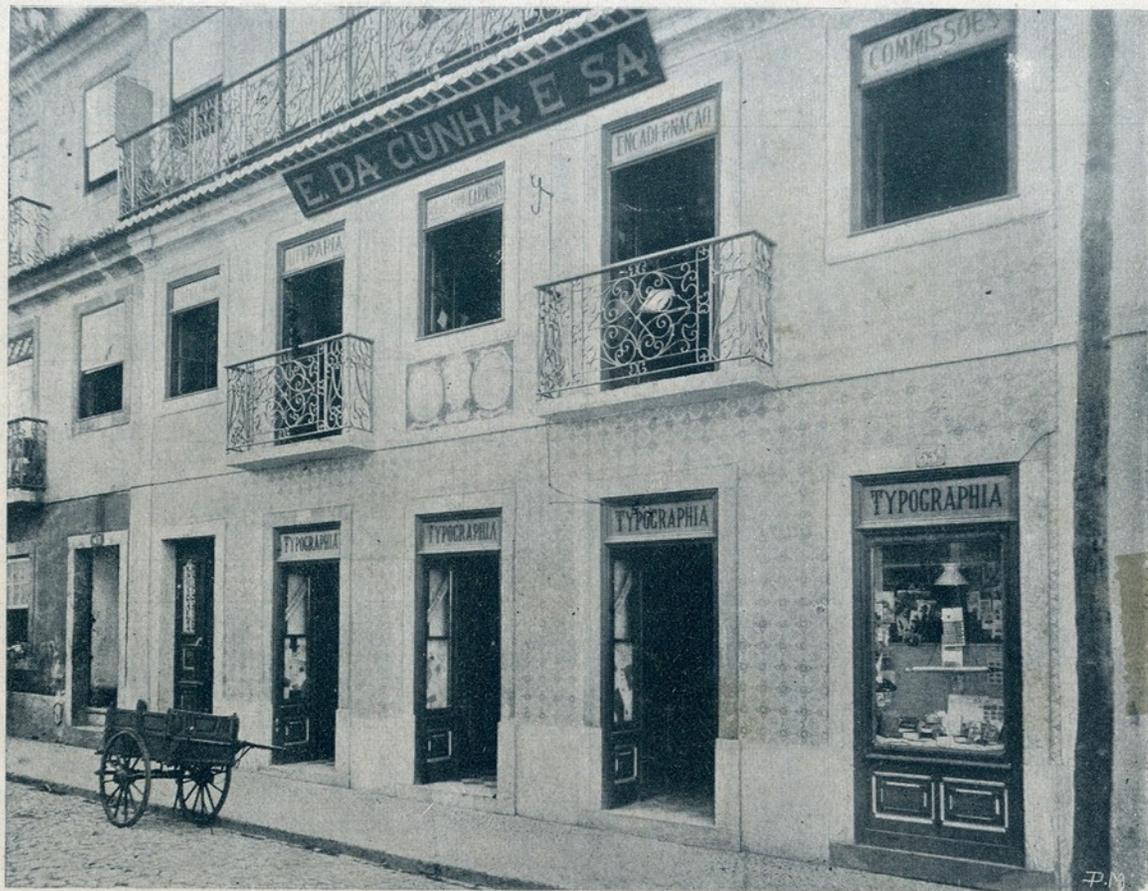
**Casa E. da Cunha e Sá, Editora**

**EM LISBOA** — Rua de S. Marçal, 51 a 53-A — Rua da Escola Polytechnica, 16 e 18

**NO PORTO** — Rua do Correio, 76, 1.º G

# CASA E. DA CUNHA E SÁ

→→→→ Fundada em 1905 ←←←←



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO  
OFFICINAS TYPOGRAPHICAS A VAPOR, PAPELARIA,  
LIVRARIA, GRAVURA,  
ENCADERNAÇÃO, FABRICA DE CARIMBOS,  
NOVIDADES UTEIS, COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES  
REPRESENTAÇÕES E INFORMAÇÕES  
Centro de assignaturas e de propaganda litteraria

ESCRITORIO

*R. de S. Marçal, 51, 1.º*

TELEPHONE 442

END. TELEGRAPHICO: Pygmeu

OFFICINAS

*R. de S. Marçal, 51-A, 51-B, 3, 53-A*

SUCCURSAL E DEPOSITOS

*R. da Escola Polytechnica, 16 e 18*

TELEPHONE 3441

**LISBOA**

ARMAZEM FORA DO CONSUMO

**MARVILLA** — *R. José do Patrocinio*

TELEPHONE 29-Poço do Bispo

AGENCIA GERAL NO NORTE

*Rua do Correio, 76, 1.º* — PORTO

AGENCIAS

NAS

PRINCIPAES TERRAS DA PROVINCIA, ILHAS,  
AFRICAS, INDIA E BRAZIL

Rev. 2